

.....

NÁUFRAGOS E SOBREVIVENTES – inquietantes estrangeiros¹

Lucia Serrano Pereira²

Resumo

As portas migratórias – local do encontro de quem busca refúgio e de quem recebe o migrante – são lugares concentradores, complexos. Este trabalho aborda questões que surgem no âmbito destas “portas”: violências, o encontro do estrangeiro como estranho, o trato com a alteridade, acolhimento. Diálogo da psicanálise com a literatura e o campo das relações internacionais.

Palavras-chave: Migrações. O estranho. Estrangeiro. Violência. Alteridade.

Castaways and survivors – disquieting foreigners

Abstract

Migrations gates – venues where the ones who seek refugee and the ones who welcome the migrant – are complex and densified places. This work addresses matters which come up within the sphere of these “gates”: violences, the encounter of the foreigner as the uncanny one, the handling of otherness, sheltering. A joint dialog in between psychoanalysis and literature, hand in hand with foreign affairs.

Keywords: Migrations. Uncanny. Foreigner. Violence. Otherness.

.....

Primeira cena

¹Trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA–*Violências, deslocamentos: destinos incertos*, abril de 2016, em Porto Alegre.

²Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Instituto APPOA; Membro da Association Lacanienne Internationale; Doutora em Literatura Brasileira (UFRGS); Pós-doutorado em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Autora dos livros *Que queres tu de mim?* (Editora Unisinos, 2011), *O conto machadiano, uma experiência de vertigem* (Cia de Freud, 2008), *Um narrador incerto entre o estranho e o familiar, a ficção machadiana na psicanálise* (Cia de Freud, 2004) e do áudio-livro “*A cartomante*” e *a vertigem* (Editora Ideias a Granel, 2010). Organizadora do livro *A ficção na psicanálise: passagem pela Outra cena* (Editora APPOA, 2014). E-mail: luciaserranopereira@gmail.com

O barco era muito comprido, bonito. Os coiotes faziam a gozação: “Nessa aí você parte para a lua”(Le Clezio, 2012, p. 74). Afinal, a viagem não era deles... Eles traziam os clientes, pegavam o dinheiro e despachavam.

“Nada de documentos, nada que deixe reconhecer vocês, vocês vão para Barsa, não conhecem ninguém, e depois para a Alemanha, onde tem um parente à espera, vocês não sabem de quem é a piroga, não sabem como eu me chamo nem como se chama o piloto (Le Clezio, 2012, p. 74).

Mahama, que mudou seu nome para Watson, espera com seu saquinho de plástico, poucos pertences, barbeador, cigarros, um pacotinho de biscoito, um par de tênis novos. Era fácil ver quem seriam os companheiros na travessia – todos com a mesma sacola de plástico, meio inclinados, mesmo jeito de caminhar. As pirogas saem lotadas, apinhadas. Watson senta na proa, é legal porque, se alguém passar mal, não vai sentir o cheiro do vômito, e vai enxergar as luzes de Barsa antes de todo mundo. Inquietação incomum, a cabeça rodando. Navegam. Dias e dias.

Há duas horas, a piroga passa por uma costa a bombordo, os viajantes gritam: Barsa, Barsa! Mas ele desilude os companheiros, não é Barsa, são as Ilhas Canárias e amanhã será o Marrocos.

Após tantos dias e tantas noites no mar, pouco antes das seis, quando a noite chegava, o motor parou. Não chiou, não falhou; morreu de vez. Watson no comando do barco (pois ele é jovem e forte, e vinha de uma ilha), o piloto dobrado ao meio com sua úlcera perfurada. “Watson enrolou a corda no cilindro, mas puxa, repuxa, e nada. Sem motor a pesada piroga se torna uma rolha no mar, recebe lambadas das ondas, gira sobre si mesma [...]” (Le Clezio, 2012, p. 88). Watson busca um remo, a terra ao longe, que se dane se a viagem tiver de acabar aqui, numa prisão, ele pensa.

Mas o mar está muito agitado, as ondas agora quando rebentam, soam como trovões. Os passageiros aos berros gritam para a terra, os galões de gasolina tombam, os garotos lutam para ficar de pé, gesticulam, gritam, por um instante Watson pensa que estavam se divertindo como ele fez tantas vezes lá em Gorée quando atravessava o braço do mar aos gritos a cada onda. Agora entende que é o medo de morrer, que é o pedido de socorro que eles gritam para a ilha escura que não conhecem.

Não adianta mais remar, o barco deriva e rodopia, talvez ele pudesse ir a nado, dar o alerta, a esperança de avistar gente ou algum barco de salvamento... Ou então esquecer tudo, a piroga, a armadilha, as crianças apavoradas e que vão morrer.

“O fundo da piroga se encheu de água, a gasolina vaza dos galões e se espalha, mistura-se com o mar, com as coisas que estão boiando, as sandálias de plástico, maço de cigarros, biscoitos. Era preciso tirar a água, mas para isso só havia uma panela velha sem cabo e a metade de um coco, é ridículo, seria como querer esvaziar o oceano (Le Clezio, 2012, p. 89).

Outra cena

A prisão de Tahiche, em Arrecife, é um imenso bloco de concreto. Watson imagina que, se não houvesse aquele muro, poderia ver o mar quando eles, prisioneiros saem para tomar sol uma vez por dia. Na cela os homens se amontoam, vindos de toda parte, sem documentos, e com nomes imaginários como o dele. Walter, Fitzgerald, Hector... todos com seus sonhos insignificantes, suas manias, suas piadas de mau gosto num péssimo espanhol de cadeia, ninguém falando a língua de ninguém. E o medo de que os mandem de volta para seus países de origem.

“A lembrança do naufrágio, depois de meses, se atenuou. Não há mais os terríveis pesadelos à noite, o barulho das ondas, do vento, os gritos de desespero dos jovens que se afogavam” (Le Clezio, 2012, p. 91). Quando Watson saiu do Hospital, foi levado ao necrotério para ver os 18 corpos espichados em macas, rostos marcados pela morte, pelo congelamento, roupas hirtas, pés descalços, uma etiqueta com a data.

“Agora há um grande espaço vazio separando o presente das lembranças. Mas o corpo está partido, em dez, cem pedaços. Watson deixou de falar. Sem mais nem menos, um dia as palavras lhe faltaram. Deixou também sua cama, na cela, para instalar-se no chão, e se mantém imóvel. Parou de comer, certo dia não tocou mais na porção de arroz com peixe, bebia um pouco de água e era só. A cela fede a suor e urina e a esse cheiro que Watson não consegue esquecer, o cheiro do mar misturado com os restos de gasolina, o cheiro da morte (Le Clezio, 2012, p. 91)³.

Naufrágios. O de Watson narra a tentativa de entrada na Europa, navegando o Mediterrâneo. Mais de 1 milhão cruzaram no ano passado. Nos últimos anos, milhares de pessoas morreram na travessia.

A passagem dos migrantes tem se dado por muitos caminhos no mundo, e a zona onde se dá o encontro (a chegada) tem sido uma espécie de lugar concentrador onde se evidencia a problemática complexa na cena mundial. A “porta” frequentemente está militarizada, fronteira

³ J.M.G. Le Clezio, Barsaoubarsaq. In: *História do pé e outras fantasias*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. O escritor Le Clézio situa neste livro várias narrativas relativas ao tema das migrações.

de controle versus a onda migratória. Ali não raro, é um dos lugares em que a violência comparece, se manifesta. Constituem espaços de precariedade, de vulnerabilidade, de exercício de poder, mas por vezes também de acolhimento.

E quando tudo isso foi para o debate mais recente, justamente o que chamou a atenção foi a recorrência das metáforas de naufrágio para dizer do que se tem enfrentado no mundo. Uma em especial, logo após os atentados na França, intitulada *O naufrágio da tolerância*⁴, de Paulo Germano (2015), em que tratava da questão de como conjugar o combate ao terror e o multiculturalismo.

Naufrágio da tolerância, que precisão! Ponto crucial para nós: sabemos que a tolerância, no laço social, tem a ver com a simbolização da castração. Assim, falar em naufrágio da tolerância é ter presente que o laço social está em questão.

Um outro naufrágio fez ressonância nesse tempo: o livro de Primo Levi, *Os afogados e os sobreviventes*. Auschwitz, a memória da ofensa, a vergonha do mundo, a violência, a angústia atávica de um universo deserto e vazio, um mal-estar incessante. Qual mar? “O mar de dor, passado e presente, nos circundava e seu nível subia de ano em ano até quase nos fazer submergir” (2004, p. 74).

O ingresso no *Lager*⁵ produzia um choque pela surpresa que implicava: o mundo no qual cada um era jogado, não era só terrível... era também indecifrável, não respondia a nenhum modelo, e o mais impressionante, relata Levi, “o inimigo estava ao redor mas também ‘dentro’, o nós perdia seus limites [...]” (2004, p. 32), não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez incalculáveis, mesmo os aliados esperados, a solidariedade dos companheiros de desventuras, salvo os especiais, não existiam. Era como mil mônadas impermeáveis e a luta entre elas, contínua, desesperada e oculta.

Sentir o grisou

“A crueldade infinita das catástrofes é que em geral elas se tornam visíveis tarde demais” (p.9, tradução da autora). Retomo aqui uma leitura que tem me acompanhado no seminário *O escuro do nosso tempo*⁶: *Sentir le grisou*, de Georges Didi-Huberman (2014). “Sentir o grisou, como é difícil” (p. 9). Ele inicia.

⁴ Matéria publicada no jornal Zero Hora, em 2015.

⁵ *Lager*: campo de concentração.

⁶ Seminário em andamento no Instituto APPOA, Linha de trabalho Sujeito e Cultura, ministrado por Enéas de Souza, Lucia Pereira e Robson Pereira.

O que é o grisou? Entramos agora por baixo da terra. É um gás inodoro e incolor que vai se acumulando nos subterrâneos das minas. Ele não é tóxico em si mesmo, mas altamente inflamável. É que em um momento de grande concentração produz o incêndio, a explosão. A questão é a de que, por ser inodoro, sem indícios, os mineiros não tinham como perceber o perigo se engendrando, e quando chegava, tarde demais. Curiosamente se verificou que os pássaros sim, eles “sentem” o grisou. Os mineiros passaram então a levar para baixo gaiolas com os pequenos pássaros, e quando eles começavam a tremer ou a eriçar a plumagem, esse era o sinal, a concentração do gás estava ali. Era como se “se pudesse ver” o perigo se aproximando.

Assim, o pássaro dos mineiros ficou investido deste “ver-chegar” a catástrofe. Didi-Huberman trabalha a partir da arte e de certa poética, tomando algumas imagens “remontadas do fundo da mina”, do mal-estar de quando passa o “mauvais air” – o mau tempo – da história. É uma leitura que vem na linhagem benjaminiana, onde a história está inscrita e surge na urgência de um instante de perigo. Não se trata de comemorar uma catástrofe passada como lugar de memória, mas de rememorar uma catástrofe passada para clarear a situação presente sob o ângulo dos incêndios que estão por vir.

Ele aponta: é fácil dizer “isto foi uma catástrofe”, quando ela já produziu suas evidências; assim como também se pode dizer no futuro absoluto: “isto vai ser uma catástrofe”. Mas é bem mais difícil formular: olha ela chegando, aqui, agora, onde nós estamos.

A leitura de algo da história vem articulada à sua condição de visibilidade, de formulação. E é isto que Didi-Huberman sublinha: o sentir, ver antecipar, reconhecer, formular. Um “estado de emergência” onde um ato de linguagem possa trazer as questões que não podem ser apaziguadas. “Emergência” carrega um duplo sentido: o que surge, junto com certa urgência.

Pareceu-me preciso isto que Didi-Huberman aponta, e que inclui um tempo “ativo” para que possamos nos situar frente à complexidade das questões que atravessam o tema da violência em relação às migrações.

A “acumulação do grisou” incide sobre migrações/violência, indícios e rastros que nos remetem, em Freud, a estes rasgos no tecido simbólico-imaginário quando algo vai se armando em torno de nós, estranhamente, em certa invisibilidade da irrupção do excesso que cai de repente. *Unbehagen*, o mal-estar, Freud ([1930] 2010) vai trabalhar. No que concerne ao outro (as fontes do mal-estar), é também da complexidade que se trata: o homem não é esse ser

bonzinho que só ataca quando é atacado; há uma pulsionalidade que vai para além, presente nas relações no singular e no coletivo.

No diálogo com colegas do campo das Relações Internacionais, tomei contato com o trabalho do italiano Lorenzo Rinelli⁷ que, no âmbito da discussão da crise migratória internacional, trabalhou sobre as “portas” migratórias: lugares que foram evidenciando o mal-estar e se mostrando cruciais na concentração de questões sobre e a partir das migrações, para que se possa buscar também formulá-las, reendereçá-las, produzir uma visibilidade do invisível que trabalha em silêncio.

Vou trazer um pequeno fragmento relativo ao que ele situa como uma das portas, a “Porta azul” da Europa, que é o Mediterrâneo. Rinelli toma a Ilha de Lampedusa como o microcosmo que formulou, que tornou visível algo da crise em um contorno pontual e impactante, tornando-se pivô da discussão internacional no campo das Relações Internacionais.

Lampedusa é uma pequena ilha italiana que tem sido – nos últimos 20 anos – ponto nevrálgico da passagem África-Europa. De um lado, ilha paradisíaca, a mais bela joia europeia, por do sol, águas brilhantes, destino turístico de luxo; de outro, um mecanismo de aparato político e de controle – como um dispositivo (Agamben, 2009). Controle de imigração e resistência tem sido linha de tensão constante. Por uma década, funcionou ali o Centro de Permanenza Temporanea, depois o Centro de Identificação e expulsão. Lampedusa nunca foi um lugar de destino dos viajantes africanos. Havia os naufrágios; além disso, eles eram localizados pelos radares pelo Mediterrâneo e transferidos para a ilha e depois retransferidos ou deportados.

O controle era rígido: se os pescadores da ilha auxiliassem no salvamento de refugiados que ali aportassem, poderiam ser acusados de tráfico de pessoas. Lugar de cruzamento dos discursos: o oficial, as autoridades procurando deixar a ilha “limpa” (dos refugiados); os moradores divididos entre o desespero dos naufrágios e dos silenciamentos do escondido da vista; e aqueles que se identificavam ao discurso de que todos os males vinham dos migrantes. Os turistas, divididos também entre os que tomavam contato: o desespero frente à tentativa de ajudar um naufrágio; o desvio do olhar para não ver a miséria em seu tempo de férias.

O que me parece importante no ângulo em que Rinelli (2016) propõe o acento: a cisão e a forma de problematizá-la. Ele destaca a tentativa de isolamento dos espaços de forma a

⁷ Trabalhamos com o texto *African migrants and Europe: negotiating the ultimate frontier*. As numerações de página correspondem a este "Manuscript", posteriormente publicado em livro: *African Migrants and Europe: Managing the ultimate frontier*, Routledge Studies in African Politics and International Relations, 2016.

traçar fronteiras votadas à cristalização, o que entendemos bem. Cisão problemática neste pequeno microcosmo que se organiza por anos na fixidez das pretensas duas faces da ilha, a fruição representada no turismo e os naufrágios e prisão.

O autor italiano levanta a discussão em seu campo: o que propõe a política que sustenta esse tipo de fronteiras? Fronteiras e bordas são usados como sinônimos, ele aponta – há uma discussão urgente por fazer no campo das Relações Internacionais – que vai na direção de marcar uma diferença entre esses dois termos. Bordas, propô-las como espaços móveis e não muros fronteirços; bordas como zonas de negociação, e não de cristalização geográfica, onde as abordagens pudessem funcionar como uma Banda de Moebius ou uma garrafa de Klein – com os lugares e as intervenções nunca totalmente fixadas, e nunca totalmente dentro ou fora (Rinelli, 2016).

Discussão onde certamente a psicanálise tem contribuição a fazer: lembremos a proposta de Lacan ([1971]2001) em *Lituraterre* em que faz a diferença entre fronteira e litoral. Toma fronteira como um termo para dizer da divisão de territórios mas guardando certa homogeneidade e escolhe litoral como termo que força a se ver a matéria heterogênea, água com terra, corpo e palavra, e a fenda entre eles, o Real que não fecha. Se se trata de uma cisão que força a dualidade, estamos na dupla face da banda de Moebius, evitando – justamente – a zona que percorre a torção. Ao contrário, se nos deparamos com a borda que produz efeitos paradoxais na estrutura – o fora no dentro em permeagem – a posição é outra.

Quando a tentativa na estrutura é a de duas faces que não se tocam, pretensão na ilha dividida é onde o grisou vai se formando até a explosão, a violência sua expressão.

Lampedusa

No final da última década, o acontecimento que vai colocar Lampedusa em destaque no mundo tem a ver com algo que coloca em evidência o dispositivo (de anos) de forma brutal. Chegam à ilha cinco naufragos sobreviventes, descritos na TV como fantasmas em estado de miséria, quase mortos. Sobreviventes de uma viagem impressionante – atravessaram o Sahara, vindos da Eritreia, sobreviveram à situação brutal da Líbia e conseguiram navegar em direção à Europa. Eram 78 passageiros no total. Depois de alguns dias, o barco ficou à deriva, e eles ficaram sem comida sem água. Poderia ser mesmo a narrativa de Watson. Felizmente, era quase impossível navegar naquela área sem serem localizados por radares, satélite e tudo o mais. E assim foi.

Mas os sobreviventes relataram que vários barcos cruzaram seu caminho, ao longo dos dias, sem que nenhum desse assistência a eles. E assim navegaram por três semanas, até as

autoridades italianas decidirem interceptar. Dos 78, sóos cinco ainda estavam vivos. Por alguns dias o governo recusou confirmar essa versão. Afirmava que estes sobreviventes eram, eles mesmos, traficantes. O procedimento certo seria inspecionar o barco para verificar os fatos, mas as autoridades o deixaram afundar com os 73 corpos, que se tornaram *under watersign posts*, postes de sinalização subaquáticos, (Rinelli, 2016). Só que com os dias passando, esses *signposts* começaram a boiar, um atrás do outro, diz Rinelli, e isto foi o que chegou às telas de um europeu então chocado, emergindo a estranheza assustadora, revelando o ocorrido.

Milhares de corpos marcam o caminho de Lampedusa, registro feito então na ilha, com a escultura de Mimmo Paladino, a *Porta di Lampedusa*, a porta da Europa, monumento (2008) em memória dos imigrantes que perderam a vida no mar tentando a travessia.



Porta de Lampedusa

Testemunho, forma de ler, e de dar visibilidade a essa porta de difícil encontro.

O filme vencedor do Festival de Berlim (2016) foi o Documentário *Fuocoammare*⁸, do italiano Gianfranco Rosi que registra a trajetória de um jovem na ilha de Lampedusa, que fica na rota dos imigrantes que tentam a travessia. Rosi, em seu depoimento, fala de tragédia e genocídio a propósito da situação dos refugiados na Europa. Estamos vendo um novo Holocausto”, diz. O cineasta declara com sua arte “sentir o grisou”...

Em fevereiro desse mesmo ano (2016), encontro ainda outra *porta de entrada* que quero compartilhar. Foi percorrendo o Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) que encontro com a

⁸REFERÊNCIA DO FILME.

imagem da “Entrada do complexo de refugiados da Ilha das Flores. Palavras de boas vindas escritas em português, alemão, polonês e russo”: “Você era um estranho e o Brasil o acolheu”.



Entrada do complexo de refugiados da Ilha das Flores. Palavras de boas vindas escritas em português, alemão, polonês e russo.

Que efeito!

Frase reta, afirmativa, quase pragmática; ao mesmo tempo, surpreendente no contexto da migração!

A frase ressoa como uma cristaleira, quantos desdobramentos. Você agora é dos nossos. Voto de receber de verdade, braços abertos, você está dentro, você vai pertencer; ao mesmo tempo, você “era” um outro que agora não é mais. Esse tempo verbal tem uma dissonância, uma equivocidade. Você era alguma coisa que não é mais, para deixar de ser estranho. Quais as consequências disso que se tem que perder para pertencer? É uma frase que afirma o acolhimento ao mesmo tempo ressoa como certa advertência (veja lá...).

“Você era um estranho”. O não familiar. Você vem de outra língua, de outros costumes, de outras formas de gozo que não nos concernem. O estranho/estrangeiro é o outro, nesse sentido, que é o sentido corrente. Mas perdemos algo importante se nos precipitamos nesse passo.

Este portal, seria importante para ser lido transitarmos pelo quadro discursivo em que ele foi engendrado: as coordenadas do pós-guerra, 1948. Vou tomá-lo nesta parcialidade, essa que poderia aludir aos inquietantes estrangeiros ontem e hoje: quando se traça uma fronteira – fixação de território, não uma permeagem –, uma torção, uma borda.

Ora, o estrangeiro, para a psicanálise, não é o que está distante numa zona de desconhecimento que não nos diz respeito e não tem nada a ver conosco. Ao contrário, o estrangeiro, quando se pensa a estrutura do sujeito, tem a ver com o nosso mais íntimo, com o que permite que a dimensão da divisão subjetiva opere em permeagem – onde lidamos com o inconsciente como lógica do não-todo, lógica da incompletude.

Há para cada um aquilo que escapa, aquilo que se desconhece no que nós próprios enunciamos ou sintomatizamos, inibimos ou repetimos; também é o que nos dá lugar de sujeito, de desejo. Discordância, brecha, sempre operando, estrutura de torção moebiana onde não há dentro oposto a um fora. Uma borda uma torção, estrutura que cria efeitos paradoxais. É o eu na sua dimensão paradoxal; onde nós somos desde sempre marcados pelo estrangeiro. Outro que nos habita, o inconsciente. Esse estrangeiro que nos constitui e que se trama com a extimidade; o mais íntimo de nós que, ao mesmo tempo, é produzido com uma exterioridade; não consistência. É a “terra estranha interior” (Neusa Sousa (1998, p. 157). Assim que o estrangeiro é algo que nos concerne de forma inestimável, e que é crucial cuidar.

Quando na ambição narcísica, nas posições defensivas é que aspiramos à unidade, a não querer nada saber desse paradoxo, a marcar território. Nas situações em que a permeagem é vivida como ameaçadora, parece melhor não ter que lidar sempre com essa zona de intensidades em conflito.

Quando Freud apresenta a formulação de seu *Unheimliche*, o desenvolvimento sobre a noção de estranho-familiar, isso está em jogo também. O estranho freudiano diz respeito a "tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas se manifestou" ([1919] 2010, p. 338). Algo do familiar que vem, por ter sido destinado ao recalque, mas que retorna como estranho, como mal-assombrado, como não simbolizado. Como se viesse, de fato, do real.

Unheimliche no alemão designa estranho; o termo para estrangeiro é *fremde*; na nossa língua, no entanto, soma-se essa conotação (Hanns, 1996). Vamos fazendo isso ressoar.

O próprio termo estrangeiro é movediço: no início da Revolução Francesa, estrangeiro pode ser um francês que não partilha do ideário da Revolução. Anos passados – ao final da Revolução – estrangeiro passou a designar alguém de outro país cuja confiabilidade é questionável.; o de fora, o pouco confiável... Assim ele (e eu) pode ser mais claramente reconhecido, mas por uma lógica mais identitária, dual podemos pensar. O estrangeiro, para ser protegido, colonizado ou destruído, não importa. Aqui o que chama a atenção é a lógica que opera. O traçado da fronteira “eu – outro” planificada, face e verso, sem torção.

Quando há precariedade na simbolização, o estrangeiro pode ser empurrado ao lugar de “inquietante estrangeiro” (Hassoun, 1998), onde, apenas mais um passo, e essa inquietante estranheza vai vir como que do real. Aqui uma aproximação ao *Unheimliche*. Com o *Unheimliche* que vem como lugares, núcleos incastrados na subjetividade, como tem referido Isidoro Vegh⁹; no coletivo. Isso pode ajudar a pensar as irrupções fundamentalistas.

O estrangeiro pode ser reduzido a um significante traumático produzindo medo, ódio, temor e “hainamoração”: *haine* (ódio) e *amoration*, termo que Lacan ([1973] 1982) inventa e aparece em momentos distintos de sua obra, já traduzido por amoródio. Mas soa como enamoração.

A hainamoração: entra nisso o fascínio do estrangeiro, que pode ser uma outra forma de totalização. O estrangeiro pode ser festejado por trazer o furo, a perspectiva inspiradora do novo. Mas também quando absorvido como em uma unidade, quando fixado enquanto tal, pode resultar no exótico fascinante que nos seduz mas que já não opera no movimento da estrutura.

Retomando nosso conto, Barsa para Watson poderia dizer de um desejo por uma vida diferente. Mas o rebatismo – Watson, no lugar de Mahama aponta algo do fascínio em ser filho do primeiro mundo talvez com tudo o que a miragem produz.

O medo – pensando nas manifestações com relação aos refugiados: tem sido principalmente o da contaminação – temor de que o que foi construído socialmente nos traços, nas identidades, se perca. E o medo de que o refugiado acolhido vai tirar a condição de trabalho de quem é do próprio país, tirando suas condições de subsistência.

O ódio e o medo, a busca de “ter que” marcar diferença, tudo isso pode levar a posições de totalização. É quando o estrangeiro pode ser empurrado, avizinado ao lugar do estranho; por vezes, extremo de angústia, lugar a ser eliminado. Pode voltar como o horror do retorno dos corpos/cadáveresboiando.

⁹ Comunicação oral.

Odiar é um verbo sem nuances nos diz Hassoun (que viveu ele mesmo a circunstância da expulsão dos franceses do Egito em 1956-7). Ele pode disparar mecanismos de rejeição absoluta. Estar tomado no ódio resulta na retirada do laço social para melhor abolir a diferença, o jogo posicional, os contrastes para de certa forma ocupar exatamente o lugar do outro. Estamos de novo frente ao paradoxo: tanta defesa faz parecer mesmo que seria possível ocupar exatamente o mesmo lugar que o outro... que neste caminho se ergue como um Outro ao qual posso me alienar, sondar seu gozo, e nesta operação toda evitar, a divisão subjetiva.

O artigo de Slavoj Zizek (2016) para a Folha de São Paulo, *Quando a inveja do Ocidente vira ódio* (sobre *Notre mal vient de plus loin*, de Alain Badiou) toca em um ponto na questão dos refugiados com a problemática da violência – o refugiado imigrante vem não num desejo revolucionário; seu desejo é o de deixar seu lugar de origem devastado para trás e com a esperança de viver no Ocidente desenvolvido. Mas o que acontece é a total frustração desta expectativa, a falta de possibilidades e exclusão social, o que propicia a abertura do espaço para o ódio, o “acumulado” nas gerações na periferia – pensando no grisou e no silêncio da pulsão de morte – no fracasso do acolhimento que proporcionaria a integração.

Quanto mais a insuficiência da lógica da incompletude – do não todo que garante o movimento de que algo falte no campo do Outro para que o sujeito ali possa emergir – menos possibilidade de que o gozo possa se enlaçar com o desejo, produzindo caminho no simbólico.

Abdelmalek Sayad escreveu no campo das Relações Internacionais que “pensar imigração significa pensar sobre o estado, e isto é o estado pensando sobre si quando pensa sobre imigração” (Rinelli, p. 13).

Concluo aqui, Mahama/Watson, Lampedusa, o Lager, os mineiros, a concentração do grisou – fragmentos que escolhi para tocar algo dos deslocamentos e as condensações que interrogam nosso tempo, onde os pontos de inclusão (da torção) são imprescindíveis: onde possamos contar com nosso estrangeiro não como o hóspede hostil do estranho, e sim como a permeagem necessária para empreender uma navegação.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. SC: Argos, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sentir le grisou*. Paris: LesÉditions de minuit, 2014.
- FREUD, Sigmund. O inquietante [1919]. In: *Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura* [1930]. Tradução de Paulo Endo e Edson de Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GERMANO, Paulo. O naufrágio da tolerância. *Jornal Zero Hora*, 21/11/2015.
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HASSOUN, Jacques. O estrangeiro: um homem distinto. In: *O estrangeiro*. KOLTAI, Caterina (org.). São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.
- LACAN, Jacques. Lituraterre [1971]. In: *Autres Écrits*. Paris: Ed duSeuil, 2001.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. 1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* [1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LE CLÉZIO, J.M.G. *História do pé e outras fantasias*. São Paulo: CosacNaify, 2012.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- RINELLI, Lorenzo. *African migrants and Europe: managing the ultimate frontier*, Routledge Studies in African Politics and International Relations. New York: Routledge, 2016.
- SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. In: *O estrangeiro*. KOLTAI, Caterina (org.). São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998.
- ZIZEK, Slavoj. Quando a inveja do Ocidente vira ódio. Caderno Ilustríssima. *Folha de São Paulo*, 2016.